



O REINO UNIDO E O EXÉRCITO BRITÂNICO

Luiz Paulo Macedo Carvalho

FISIOGRAFIA

O Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte ("UK" ou "Britain" como os ingleses chamam formalmente o país) é constituído, na sua maior parte, por um grupo de ilhas ao noroeste do litoral do continente europeu e separadas do resto do mundo pelo Canal da Mancha, mais conhecido pelos descendentes do avô de Tio Sam como "English Channel". As maiores ilhas são chamadas Grã-Bretanha e Irlanda. A Grã-Bretanha compreende três países: Inglaterra, Gales e Escócia. A Irlanda acha-se dividida em Irlanda do Norte e República Irlandesa. Destacam-se ainda ao sul e no sudeste da Inglaterra, respectivamente, as ilhas de Wight e Scilly, ao norte de Gales, a de Anglesey e, no extremo norte da

Escócia, as Orkneys e Shetlands (esta última famosa pelos seus pôneis). Todas estas ilhas mantêm laços administrativos com o governo central, mas a de Man, no Mar da Irlanda, e as ditas do Canal possuem enorme grau de autonomia, ou seja, pertencem à Coroa, mas não fazem parte do Reino Unido.

A Grã-Bretanha situa-se entre 50° e 60° de latitude Norte, portanto, fica inteiramente no hemisfério setentrional. É cortada pelo meridiano 0° que passa em *Greenwich*, Londres, achando-se o ponto extremo ocidental (Inglaterra) por volta de 1° 45' L e o oriental de 8° 10' W (Irlanda do Norte). Isto equivale a dizer que a distância, em linha reta, da extremidade sul à extremidade norte do país, é de 966 km e de 483 km, de leste a oeste, na parte mais larga.

O Reino Unido ocupa uma área de 244.035 km² (aproximadamente igual à superfície de Rondônia — 243.044 km²), assim distribuída: 30% de terras cultiváveis, 50% de pradarias e pastagens, 12% de terras incultas e urbanizadas, 7% de florestas e 1% de água.

A topografia apresenta uma rica variedade de cenários e solo de todos os períodos geológicos. As terras são pouco férteis e entrecortadas por muitos bosques e cursos de água de pequeno vulto. A grosso modo, o país divide-se em duas grandes regiões: as *terras baixas* ("lowlands"), constituídas de terreno mais ondulado do que plano, com jazidas de giz e calcário (Dover e Ilha de Wight) no sul e leste; as *terras altas* ("highlands"), abrangendo toda a Escócia, o famoso distrito dos lagos no noroeste, o amplo planalto central dos Peninos e a península do sudoeste da Inglaterra, além do país de Gales inteiro. Geologicamente as montanhas das "highlands" são de origem muito antiga e apresentam uma cobertura de estrato carbonífero que assegura ao Reino Unido expansão industrial.

O litoral com 12.429 km de extensão, rochoso, escarpado e recortado, oferece bons ancoradouros e reduzido número de praias. O mar territorial reivindicado de 3 milhas náuticas estende-se até 12, para efeito de controle da pesca.

O clima nas ilhas britânicas é temperado, sujeito a freqüentes chuvas e mudanças bruscas, mas não se registram temperaturas extremas amiúde. Fortes ventos de sudoeste, normalmente, sopram

com tal violência na Mancha interrompem a navegação aérea marítima no canal, além de impedir o tráfego nas estradas litúrgicas. Isto explica o típico cidadão britânico andar sempre com o defectível "umbrella" (até mesmo fardado, em solenidades ou campanhas), o velho adágio "não corra com os ingleses nem no tempo da Grã-Bretanha", além do fato do Reino Unido não mais ter sido invadido desde 1066 (dizem que os primeiros invasores temem passar um fim de semana sob chuva, frio e vento e nevoeiro).

POVO

Os atuais habitantes da Grã-Bretanha descendem de múltiplas diferentes culturas que passaram pela ilha nove séculos atrás. Os restos de uma longa sucessão de invasores e colonizadores escandinavos e europeus foram os normandos, ramo dos "vikings" que aprenderam a viver com os franceses e assimilaram a língua e os costumes deles, transferiram a Mancha e conquistaram a Inglaterra em 1066. Precedendo os normandos, dominaram a Grã-Bretanha os celtas, os romanos e os anglo-saxões. As influências destes ancestrais fazem-se sentir ainda hoje nos hábitos mantidos e nos idiomas falados no país. O Inglês, resultante da mistura de línguas anglo-saxônicas com o francês-normando ("Patois"), predomina na maior parte da Inglaterra e nas terras baixas da Escócia; os dialetos de origem celta são usados em Gales, Cornwall, Ilha de Man, terras altas da Escócia e Irlanda.

A população estimada da Grã-Bretanha oscila em torno de 56 milhões de habitantes (excluída a da Ilha de Man e do Canal). A densidade populacional é de aproximadamente 229 hab/km². A taxa média de crescimento anual da população é de 0,01%, dos quais 83% são de ingleses, 9% de escoceses, 5% de galeses e 3% de irlandeses. Apesar da queda acentuada na taxa de natalidade, registra-se um gradual aumento na idade média da população devido a redução da mortalidade e o crescente fluxo de imigrantes provenientes das antigas colônias ou de países membros da "Commonwealth", que gozam do direito de cidadania britânica.¹

Com alta densidade urbana, um terço da população vive na Grande Londres e nas áreas metropolitanas (8,1 milhões de habitantes em Londres, 1,01 milhão em Birmingham, 862.000 em Glasgow, 581.000 em Liverpool, 536.000 em Manchester).

Noventa e sete por cento dos habitantes residem em imóveis próprios, pois é mais fácil e compensador adquiri-los do que alugá-los. As casas são mais comuns do que os apartamentos, uma vez que nos grandes e velhos centros urbanos acham-se proibidas constru-

ções diferentes dos estilos antigos. Dentre cada cinco famílias quatro habitam casas com aquecimento e eletrodomésticos (geladeira, máquina de lavar roupa etc.), mas sem chuveiros. Todavia, apesar de todo o conforto que os grandes centros urbanos oferecem, os ingleses preferem residir no campo.

O povo é extremamente educado, ordeiro, politizado e reservado, mas desprovido de calor humano, demasiadamente formal e dotado de inigualável senso de humor. As palavras mais escutadas em um logradouro público são: "sorry", "excuse me", "pardon", "please" e "thank you". Acredita-se ainda na palavra das pessoas e qualquer cidadão merece crédito (se não for estrangeiro!).

Há segurança pública, o que não impede a ocorrência de roubos de automóveis e em hotéis, residências e bancos, atribuídos geralmente aos imigrantes árabes, asiáticos e negros. Porém, cumpre lembrar que os grandes crimes são cometidos por ingleses, como o assalto ao trem pagador e os assassinatos do estripador de mulheres. Somente a partir de 1979, a eficiente polícia britânica passou a efetuar o policiamento ostensivo armado (com a arma escondida dentro da túnica), sobretudo em face dos atentados terroristas. Cada policial, em contrapartida, usa um pequeno transmissor-receptor fixado na lapela, permitindo assim agir pela presença em massa, a curto prazo. Os policiais são polidos, enérgicos e respeitados pelo povo.

O cidadão britânico é o campeão da liberdade com responsabi-

¹ Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Índia, Bangladesh, Sri Lanka, Ghana, Malásia, Nigéria, Chipre, Serra Leoa, Tanzânia, Jamaica, Trinidad e Tobago, Uganda, Quênia, Malawi, Malta, Zâmbia, Gâmbia, Cingapura, Guiana, Botswana, Lesotho, Barbados, Maurício, Swazilândia, Tonga, Samoa Oriental, Fiji, Bahamas, Granada, Papua, Nova Guiné e Seychelles.

lidade. Verifica-se até tolerância de certos desvios de comportamento, demonstrada pela crescente solidariedade popular à mãe solteira, ao aborto, ao divórcio (obtido pelo correio se amigável), ao homossexualismo e aos toxicômanos (registrados com carteira etc.). Haja vista os anúncios publicados semanalmente no "Time Out" (revista londrina que divulga os eventos em curso na semana e apresenta uma seção de anunciantes exóticos). Por outro lado, o povo revela acendrado ardor nacionalista, desenvolvido orgulho por sua cultura, língua e modelos político-sociais, além de inigualável respeito pelas tradições pátrias, grande tenacidade, capacidade de resistência e espírito de sacrifício, já comprovados ao longo da História.

O povo dispõe de assistência médico-hospitalar socializada e gratuita, embora haja facultativos que prestem serviços particulares a preços elevados. O "National Health Service", à semelhança do INAMPS, é alvo de permanente crítica pela imprensa, comprovadas em parte.

A educação (há mais professores do que militares no Reino Unido), considerada um dos pontos altos do país, é ministrada gratuitamente na rede de estabelecimentos de ensino públicos de todos os graus. O ensino nas escolas públicas afigura-se um tanto deficiente. Os estabelecimentos particulares, em geral, são bons, porém cobram preços extorsivos, só podendo ser freqüentados pelas camadas mais privilegiadas da sociedade. O índice de analfabetos é de 1 a 2% do

efetivo populacional. Embora o governo negue a sua existência, há discriminação racial na rede escolar. Em determinados estabelecimentos de ensino admite-se ainda castigos físicos.

Vinte e um milhões de habitantes do Reino Unido pertencem à Igreja Anglicana, 5,3 milhões professam o credo Católico Apostólico Romano; 2 milhões, o presbiteriano; 760.000, o metodista e 450.000, o israelita.

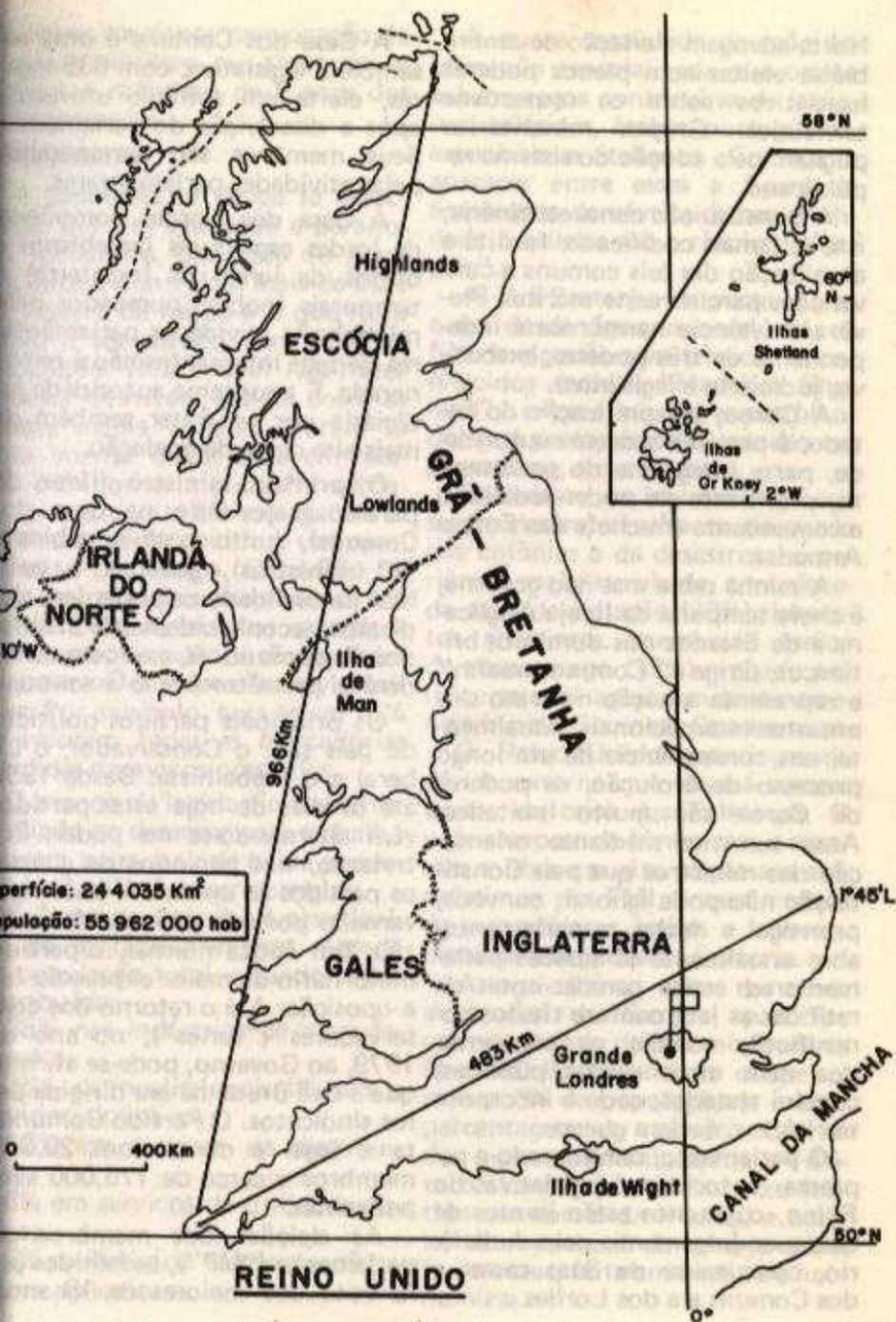
Os dois amores dos ingleses são: cachorros e cavalos. A família não está completa se não possuir um membro canino ou equino.

Assim são os britânicos: gostam de cerveja quente, consideram "bem" residir em antigas cocheiras, enriquecem um tenente-coronel de cavalaria da reserva adquirindo cintos de castidade fabricados por ele e, apesar de pobres, despendem vultosas somas para fazerem bebês de proveta, enquanto em outras partes do mundo há gente de sobra os produzido de graça.

GOVERNO

O Reino Unido, como o próprio nome indica, adota o regime monárquico-parlamentar. Vive o Estado das tradições e do saudosismo de um milenar império materializado no fantasma da "Commonwealth".

A Inglaterra, Gales, Escócia e Irlanda do Norte possuem diferentes sistemas educacional, governamental e judiciário, além de leis distintas. Movimentos separatistas em Gales, na Escócia e na Irlanda do



Norte advogam a criação de assembleias eleitas com plenos poderes legislativos sobre os respectivos territórios. Grupos minoritários pugnam pela adoção do sistema republicano.

A Constituição consuetudinária, isto é, jamais codificada, facilita a atualização das leis comuns e convenções parcialmente escritas. Prevê a existência harmônica e independente de três poderes: executivo, judiciário e legislativo.

A Coroa, personificação do Estado, é por lei a suprema autoridade, parte integrante do parlamento, presidente do poder judiciário e comandante-em-chefe das Forças Armadas.

A rainha reina mas não governa; é chefe temporal da Igreja Anglicana e de Estados dos domínios britânicos; dirige a "Commonwealth" e representa a nação no trato dos assuntos internacionais. Atualmente, em consequência de um longo processo de evolução, os poderes da Coroa são muito limitados. Atua somente mediante orientação dos ministros que pela Constituição não pode ignorar; convoca, prorroga e fecha o parlamento; abre anualmente as sessões parlamentares; emite parecer antes de ratificar as leis; confere títulos honoríficos; nomeia os ocupantes dos mais altos cargos públicos; conclui tratados; cede e incorpora territórios; declara guerra.

O parlamento, considerado a suprema autoridade legislativa do Reino, cujos atos estão isentos de qualquer julgamento pelo Judiciário, constitui-se de duas casas: a dos Comuns e a dos Lordes.

A Casa dos Comuns é uma assembleia legislativa, com 635 lugares, eleita em sufrágio universal, após a dissolução do parlamento. Seus membros são remunerados pelas atividades parlamentares.

A Casa dos Lordes compõe-se de lordes espirituais (arcebispos e bispos da Igreja da Inglaterra) e temporais (nobres nomeados pela rainha). As atividades parlamentares de seus integrantes não é remunerada. É a suprema autoridade judiciária por se tratar também da mais alta corte de apelação.

O primeiro-ministro (líder do partido majoritário na Casa dos Comuns), junto com o gabinete (20 ministros), governa o país. Mas na realidade os poderosos sindicatos, reconhecidamente infiltrados de comunistas, exercem considerável pressão sobre o Governo.

Os principais partidos políticos do país são: o Conservador, o Liberal e o Trabalhista. Desde 1958 até os dias de hoje estes partidos vêm alternando-se no poder. Entretanto, nos períodos de guerra, os partidos se unem e o país é governado por um gabinete de coalizão. Em época normal, o partido minoritário de maior expressão faz a oposição. Até o retorno dos conservadores ("tories"), no ano de 1979, ao Governo, pode-se afirmar que a Grã-Bretanha era dirigida pelos sindicatos. O Partido Comunista é legal e conta com 29.000 membros e cerca de 175.000 simpatizantes.

As eleições dos membros do parlamento ("MP"), escolhidos pelo voto dos maiores de 18 anos,

realiza-se mediante convocação do primeiro-ministro ou antes de se expirar o mandato de 5 anos dos representantes.

ECONOMIA

A economia britânica se caracteriza por um avançado e paradoxal socialismo, onde 5% do povo (os lordes) controlam mais de 50% da riqueza da nação e o que resta então é socializado com 95% da população. Resulta daí não haver grandes desniveis sociais entre as classes média e baixa, porém se nota imensa disparidade em relação à minoritária elite. Na verdade, o que ocorre é o esmagamento da classe média devido a um nivelamento por baixo. O padrão de vida está caindo sensivelmente e o seu custo figura entre os mais altos do mundo. Os salários são também pequenos e os impostos elevadíssimos. Por exemplo, taxa-se em 15% *ad valorem* todas as mercadorias vendidas e serviços prestados.

O avanço da legislação trabalhista aliado ao desamor pelo trabalho levaram a um grau de baixa produtividade, difícil de ser corrigido.

A força de trabalho é constituída de aproximadamente metade da população total, estando assim distribuída:

35% nas indústrias de manufaturados;

36% de profissionais liberais e servidores públicos;

12% em serviços de distribuição;

8% em serviços de utilidade pública;

6% na indústria de construção;

3% na agricultura.

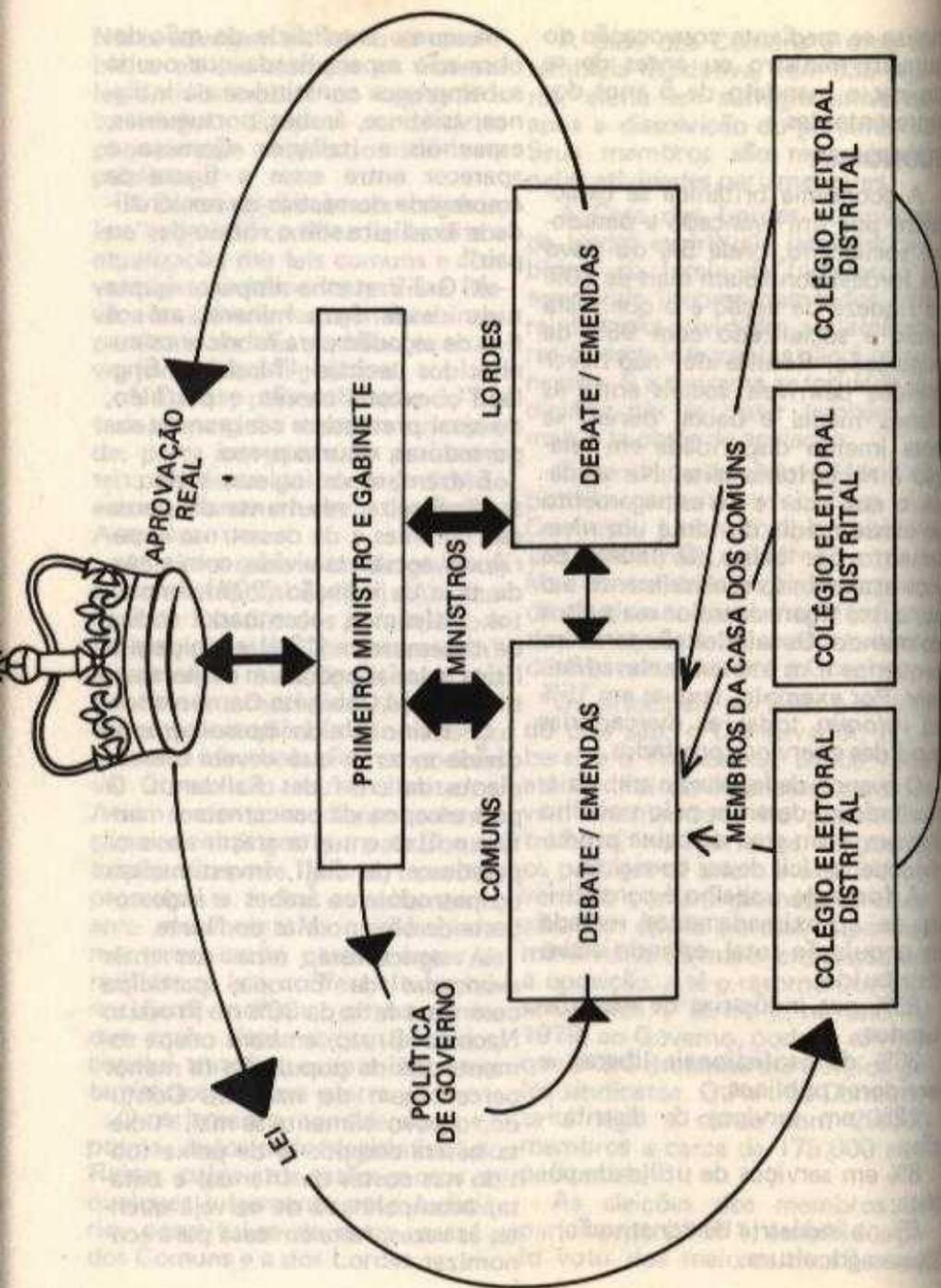
A quase totalidade da mão-de-obra não especializada que ocupa subempregos constitui-se de indianos, asiáticos, árabes, portugueses, espanhóis e italianos. Começa a aparecer entre esses a figura da empregada doméstica de nacionalidade brasileira sob o rótulo de "au pair".

A Grã-Bretanha importa quase tudo desde água mineral até os fios de algodão para fabricar os conhecidos tecidos "Made in England", exceto carvão e petróleo, do qual pretendem ser grandes exportadores, a curto prazo.

Enfrentam os ingleses séria crise financeira, resultante da perda das colônias e da desastrosa experiência socialista vivida, com elevada taxa de inflação (20%), impostos altíssimos, acentuado índice de desemprego (12%) e rígida política salarial agora um tanto amenizada pelo Gabinete Conservador.

O Reino Unido possui grande dívida externa que deverá crescer diante da crise das Falklands. O país escapou da bancarrota e mantém a libra em alta graças aos empréstimos do FMI, investimentos de petrodólares árabes e à descoberta de óleo no Mar do Norte.

A agricultura, uma das mais avançadas da Europa, participa com uma fatia de 30% no Produto Nacional Bruto, embora ocupe somente 3% da população (a menor percentagem do mundo). Contudo, o povo alimenta-se mal. A dieta básica compõe-se de peixe (obtido nas costas da Irlanda) e batata, acompanhada de cerveja quente, às vezes, feita em casa para economizar.



Apesar de se encontrar em franco desenvolvimento o programa de energia nuclear, a quase totalidade das fontes energéticas do país são de natureza térmica.

Os serviços públicos, em particular, os de telecomunicações, correios e transporte de massa merecem especial destaque. Chega-se mesmo a afirmar que o dia em que os correios entrarem em greve o Reino Unido pára, pois tudo se faz via postal e com eficiência; pagamentos, obtenção de documentos, seguro, compras etc.

Dispõe a Grã-Bretanha de moderno e eficaz sistema de telecomunicações que conta com 21.3 milhões de telefones, 41.7 milhões de rádios receptores, 18.5 milhões de televisores e 3 estações de satélites terrestres.

Todo o Reino Unido é cortado por um excelente sistema rodoviário. Dos 338.000 km de estradas de rodagem existentes, 22.526 km localizam-se na Irlanda do Norte. As estradas de ferro, a maioria das quais em bitola padrão, cobrem 183.426 km, com apenas 326 km na Irlanda. Embora tudo pague e contem tostão, orgulham-se os ingleses de não existir pedágio em suas rodovias. O metrô ("tube" ou "underground" como é mais conhecido), os trens e os ônibus trafegam rigorosamente nos curiosos horários estabelecidos, tais como 09.13 h e 21.01 h.

Possui ainda a Grã-Bretanha da ordem de 1.769 km de hidrovias no interior do país, além de 23 grandes portos e 350 outros de menor porte, inúmeros aeródros

mos e umas 520 aeronaves de transporte comercial.

A indústria britânica, mesmo nos setores tradicionais (siderúrgico, mecânico e têxtil), acha-se em crise e o percentual de crescimento da sua produção (quase 50% da renda nacional) mostra-se negativo. Todavia, a despeito do obsolescência de muitas indústrias e da baixa produtividade do operariado britânico, desfruta o Reino Unido de tecnologia avançada com tradição no mercado internacional. Tal se evidencia particularmente nas indústrias automobilística, aeronáutica, naval e bélica.

No comércio está a chave do sistema econômico britânico, sendo que o com o exterior representa 10% do intercâmbio mundial. Quarenta por cento da Renda Nacional é proveniente da exportação de material bélico.

A despeito da crise industrial e agrícola (produção insuficiente) que assinala a decadência econômica do pujante império, onde o sol nunca se punha, o Reino Unido tem possibilidade de se recuperar porque dispõe de duas riquezas essenciais: carvão e petróleo. Consideradas as reservas existentes destes minerais, programas de investimento e de sua utilização a longo prazo estão assegurados.

Segundo notícias veiculadas recentemente pelo *The Times* a tendência da crise econômica inglesa é agravar-se. Entretanto, convém não esquecer que é na "City" (área de Londres na qual se localiza obrigatoriamente a sede dos bancos) onde são ditados os preços de compra e venda dos princi-

país produtos negociados no mundo inteiro, inclusive o nosso algodão, cacau, café etc.

ESTRATÉGIA

A estratégia do Reino Unido sempre esteve condicionada ao seu aspecto insular, o que lhe permitiu, ao longo dos tempos, manter-se praticamente isolado dos problemas continentais. Tal fator levou a Grã-Bretanha, desde os primórdios de sua História, a desenvolver seu poder marítimo, imortalizado na vitória conseguida sobre a "Inevencível Armada", e, posteriormente, o poder aéreo, consagrado na "Batalha da Inglaterra" em 1940.

No passado, o "leão britânico", alicerçado em sólida unidade nacional e na habilidade político-diplomática de seus estadistas, diferenciando-se do restante da Europa, ganhou uma dimensão mundial que lhe ensejou ganhar os mercados internacionais e exportar a própria cultura, a língua de Shakespeare e o modelo político de Westminster para todos os continentes.

Hoje, terminado o período áureo do antigo império, assumindo expressão menor, o Reino Unido não pode mais desfrutar do isolamento que lhe garantiu certa segurança no século passado e voltou a inserir-se de novo no contexto do berço de sua civilização — a Europa continental.

Nos dias atuais, a Grã-Bretanha recebe apenas o indispensável apoio do sistema defensivo europeu, cujo dispositivo visa deter temporariamente eventual agres-

são do Leste e não representa a base de partida para uma contra-ofensiva sobre o continente, à semelhança do que ocorreu em 1944, mas constitui, ela própria, um dos principais objetivos do possível inimigo. Somente conquistada ou destruída a Grã-Bretanha, terá o agressor assegurado a vitória, pois, além de sua posição geopolítica conceder-lhe ponderável vantagem, continua a ser a grande reserva estratégica de forças espirituais e recursos materiais da OTAN². Se não for destruída ou neutralizada, a Europa poderá recuperar-se, em razão da irresistível força que o modelo menos imperfeito de uma autêntica democracia moderna exerce sobre os povos amantes da liberdade. Embora vulnerável a ataque convencional ou nuclear, uma vez que a insularidade, diante da evolução desenfreada dos engenhos bélicos aeroespaciais e da perda de sua supremacia naval, não lhe coloca mais a salvo de invasão por ar e pelo mar, ainda ocupa decisiva posição estratégica.

A destruição ou ocupação da Grã-Bretanha talvez poupasse o resto da Europa Ocidental de ser arrasado e comprometesse toda a capacidade defensiva dos demais membros da OTAN, permitindo ao agressor dominar todo o continente europeu e ameaçar a segu-

² OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) — Alemanha, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Grécia, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Reino Unido e Turquia.

rança da América do Norte, em troca apenas do sacrifício das ilhas britânicas. Todavia, a recíproca não é verdadeira. Assim tal hipótese não se afigura improvável. O agressor, uma vez decidido a tentar a aventura nuclear restrita às ilhas britânicas, poderia levar a efeito concomitantemente operações convencionais, para conquistar o território continental, sem ter de adotar uma política de "terra arrasada". Esta hipótese não é de toda desprovida de fundamento, se considerada no quadro estratégico que rejeite a mera destruição pela destruição, mas vise ao fim político de hegemonia e domínio das terras dotadas de grandes riquezas, onde se localizam importantes complexos industriais e se encontra mão-de-obra especializada necessária ao seu acionamento.

A defesa da Grã-Bretanha, comprovadamente, começa além do Reno. Portanto, a segurança do Reino Unido depende da OTAN. Por outro lado, paira incerteza se os EUA irão mesmo à guerra em defesa da Europa, o que obriga os 12 Exércitos e 11 Marinhas e Forças Aéreas integrantes da Aliança, a despeito de alguns se encontrarem despreparados para combater, a buscarem cooperação mais íntima e subordinarem seus interesses nacionais a outros coletivos de maior significado. Por exemplo, as figuras-chave na política de segurança britânica já não são tanto o Secretário de Defesa ou os Chefes de Estado-Maior de cada Força singular, mas talvez o Comando da Região Central da Europa, geralmente confiado a um general ale-

mão, que tem a responsabilidade de vigiar 1.000 km de fronteiras do Elba à Suíça.

Ainda como membro da ONU, da CENTO e da SEATO,³ o Reino Unido é responsável pela segurança de Chipre (mantendo lá o maior contingente de Força Internacional de Paz), da Malásia, de Hong-Kong e Cingapura.

Sem falar no problema insolúvel da Irlanda do Norte que exige a permanência de contingentes do Exército britânico naquela área, com nefastos reflexos para a instituição e o país; para assegurar a soberania inglesa nas Falklands, estratégico posto avançado no Atlântico Sul, a Grã-Bretanha será compelida em futuro imediato a conservar maiores efetivos das três forças nessa região.

Para atender às exigências de defesa territorial das ilhas britânicas e aos compromissos internacionais, função das respectivas importâncias representadas, o Reino Unido fundamenta sua estratégia militar nos seguintes conceitos:

observar fielmente os encargos assumidos no âmbito da OTAN, mantendo o grosso de suas forças no continente europeu, dado que reconhece depender sua segurança do poder militar da aliança atlântica;

garantir a integridade do terri-

³ CENTO (Central Treaty Organization) — Irã, Paquistão, Reino Unido e Turquia. SEATO (Southeast Asia Treaty Organization) — Austrália, Estados Unidos, Filipinas, França, Nova Zelândia, Paquistão, Reino Unido e Tailândia.

tório nacional com limitadas forças;

manter o equilíbrio estratégico em determinadas áreas de particular interesse no globo apenas por mera ação de presença de forças militares.

As transformações militares e políticas, verificadas no término da Segunda Guerra Mundial, forçaram o Reino Unido a abrir mão da invejável função até então exercida de "polícia do mundo". Entretanto, sua política de defesa e doutrina de emprego das Forças Armadas continuam ainda vinculadas, parcialmente, aos prévios compromissos firmados com os seus aliados da OTAN e os integrantes da "Commonwealth", bem como à preservação dos remanescentes interesses britânicos em ultramar.

Saindo vencedora do conflito, com singular prestígio internacional e incluída no "Clube dos Cinco Grandes", a Grã-Bretanha decidiu possuir um arsenal nuclear próprio, a despeito das crescentes dificuldades enfrentadas no pós-guerra e da oposição de alguns setores políticos internos.

A estratégia vigente na OTAN é a da proposta flexível, o que implica em advogar o princípio de defesa o mais avançado possível. Ao mesmo tempo que admite o emprego de armas nucleares para conter penetrações do agressor, caso se faça necessário, argumenta a OTAN que suficientes forças convencionais devam estar em condições de responder a ameaças em várias partes da frente, de modo a recuperar a integridade territorial e marítima, assim como ganhar

tempo para os norte-americanos desembarcarem na Europa e negociarem a paz.

Com a OTAN, o Reino Unido assumiu o compromisso de auxiliar na defesa da Europa Central, mantendo na Alemanha um exército de campanha (BAOR -- British Army of the Rhine), na realidade, já estacionado naquele país, ao final da guerra, como força de ocupação. Na atualidade, o BAOR é constituído do 1º Corpo-de-Exército, integrado por quatro divisões blindadas e uma "Field Force" (brigada menos).

O emprego do 1º Corpo-de-Exército é visualizado em três fases:

Primeira: ação retardadora agressiva, a cargo de uma divisão blindada, atuando como força de cobertura, cuja missão é impor ao agressor consideráveis baixas e danos, desde o início do ataque, trocando espaço por tempo e obrigando-o a progredir lentamente, assim como revelar o eixo do esforço;

Segunda: defesa da área de defesa avançada (15 a 20 km do limite avançado das divisões em primeiro escalão) firmemente, com intenso uso de defesa ativa até 40 km de profundidade, mantendo uma divisão blindada como reserva do Corpo-de-Exército e posições avançadas fortificadas, bem protegidas por consistentes faixas de obstáculos artificiais, a fim de deter, bloquear e destruir os primeiros escalões atacantes;

Terceira: operações subsequentes a cargo do Grupo-de-Exército (contra-ofensiva).

É enfatizada a importância do

emprego de fogos convencionais e nucleares pré-planejados, sobre os quais se baseia a eficiência da defesa. Para isso, desde já, o planejamento de fogos nucleares é elaborado minuciosamente.

A ameaça constante, que paira sobre as áreas de retaguarda (ação de sabotadores, operações aeromóveis e aeroterrestres), leva o Corpo-de-Exército a manter, além da divisão blindada reserva para as ações dinâmicas da defesa ativa, uma "Field Force" empenhada, com a missão de guardar sua área de retaguarda e deixar as divisões em linha liberadas para cuidar das respectivas zonas de interesse.

Os alemães julgam que com esta organização os ingleses não tenham condições de enfrentar um forte ataque soviético, em que o poder relativo de combate referente a blindados e artilharia, às vezes, atinge respectivamente a 1:4 e 1:8, e disponham de suficiente reserva para contra-atacar. Na verdade, cômicos das suas limitações os ingleses admitem retrair e conduzir a defesa em contra-encostas (Reverse slope), para escapar ao esmagador poder de choque e de fogo dos blindados soviéticos.

A defesa territorial das ilhas britânicas é uma tarefa que, por imposição estratégica, leva a empregar antes de tudo a Real Força Aérea (RAF — Royal Air Force), depois a Marinha Real (Royal Navy) e, afinal, o Exército.

Para cumprir esta missão, o Exército britânico instituiu o Comando das Forças Terrestres do Reino Unido (UKLF — United Kingdom Land Forces), entregue

a um general de quatro estrelas, a quem se acham subordinados os nove Comandos Distritais sob cuja responsabilidade está a defesa territorial do país, a saber: Londres, Gales, Escócia, Central, Leste, Sudoeste, Sudoeste, Nordeste e Noroeste. Este grande comando dispõe apenas de três "Field Forces" cujas respectivas missões são Defesa Interna, reforço ao BAOR e reserva motorizada estratégica. Além das organizações militares do Exército regular, os ingleses contam com unidade locais do TAVR ("Territorial & Army Volunteer Reserve") a serem mobilizadas para a defesa territorial. A esta composição mista — civil e militar — de "home defence" é atribuída a missão tanto de defender o território nacional de ataques convencionais externos e internos, como também a de prestar socorros à população e assegurar continuidade à vida pública em caso de ataques nucleares.

A fim de honrar os compromissos firmados com a "Commonwealth" e resguardar seus interesses pelo mundo afora em áreas de importância estratégica, o Reino Unido organizou cinco grandes-comandos, assim distribuídos: Hong-Kong, Malta, Chipre, Gibraltar, Belize e Irlanda do Norte.

Desta maneira, o Exército mantém forças engajadas em ações bélicas, adquirindo experiência de combate, com bom nível de eficiência e aprestamento operacional. Na década de 50, com base neste princípio, unidades do Exército britânico operaram na Malásia (caso histórico de absoluta vitória

ria de tropas regulares contra guerrilhas organizadas em larga escala); nos anos 60 e 70 atuaram em Borneo e na Arábia; hoje ainda têm forças estacionadas no Caribe, em Brunei e Hong-Kong. Tais intervenções se efetuam sob a justificativa de colaborar com as autoridades locais, mediante solicitação delas, para manter ou restabelecer a ordem, diante de ameaças internas ou externas. A forma, o grau e o alcance de tais intervenções variam de simples ação de presença, como acontece atualmente com o batalhão destacado em Brunei, atendendo a pedido do sultão, até o completo emprego de grandes unidades, ao lado da polícia e das Forças Armadas de outros países, como ocorreu na Malásia e no Oman.

Como força de pronta intervenção para emergências deste tipo, conservam os ingleses na Grã-Bretanha uma "Field Force" e batalhões da "Field Force Gurkha" de Hong-Kong — mercenários recrutados no Nepal que prestam serviços ao Reino Unido desde o século passado — dotados de alta mobilidade estratégica a fim de atingir, em horas, qualquer parte do mundo, onde os interesses britânicos e de seus aliados sintam-se ameaçados.

Balanço da Defesa e Pesquisa Técnico-Científica

Para o ano fiscal de 1981-82, foi destinada a soma de 27,77 bilhões de dólares, ou seja, 5,1% do PNB, a fim de cobrir as despesas com a defesa do Reino Unido. Isto equivale a dizer que o cidadão bri-

tânico contribuiu com 512 dólares "per capita" para a defesa do país em 1981.

O orçamento da defesa da Grã-Bretanha é o segundo da OTAN, ultrapassando apenas o dos EUA.

Seguindo a política traçada pelo Governo, o orçamento da defesa ficou assim distribuído:

41%	... equipamento
17%	... custeio
22%	... pagamento de militares
15%	... pagamento de funcionários civis
5%	... pensões militares

A pesquisa científica para fins militares cabe no Reino Unido ao Comitê de Pesquisa e Recursos Internos para Defesa (DRIRC). Este órgão estabelece as metas e prioridades do programa de pesquisa, em função das exigências operacionais das Forças Armadas, e promove os devidos contactos com as entidades civis interessadas em realizá-las. Com este fim são efetuadas reuniões periódicas às quais comparecem pesquisadores civis, representantes das indústrias e das universidades, e militares, integrantes do Comitê Científico de Defesa, do Conselho Aeronáutico de Pesquisa e do Conselho de Pesquisa Científica.

No ano fiscal de 79-80, o orçamento para a defesa do Reino Unido destinou a soma de 167 milhões de libras esterlinas à pesquisa, desenvolvida, em maior parte, nos estabelecimentos militares e o restante nas universidades e na indústria civil. Estes trabalhos visam, sobretudo, examinar a exequibilidade de novos projetos, antes de se ini-

ciarem os respectivos custos os programas de desenvolvimento.

Merece especial destaque a pesquisa aeroespacial, encetada a partir de 1977 e confiada ao Ministério da Defesa que determina, dirige e coordena programas de interesse militar e civil.

Na esfera internacional, a Grã-Bretanha participa dos trabalhos do Eurogrupo que estuda a possibilidade de colaboração multilateral dos programas nacionais de pesquisa e desenvolvimento de caráter técnico-científico.

A produção de material bélico, cujo funcionamento é testado sob as mais variadas condições climáticas em diversas áreas do globo, acha-se entregue quase completamente à indústria civil, apesar das Forças Armadas manterem uma empresa semelhante à IMBEL denominada "Royal Ordnance Factories".

No ano fiscal de 77-78, o Governo britânico gastou mais de 5 milhões de libras esterlinas com aquisição de material bélico produzido pelas indústrias civis inglesas. No mesmo ano, as indústrias britânicas exportaram 1,2 milhão de libras esterlinas de equipamento militar.

As vendas externas de material bélico (armas portáteis, morteiros, canhões, obuseiros, blindados, lançadores de ponte, minas e sistemas de lançamento e limpeza de campos minados, equipamentos para defesa antiaérea e contra carros de combate, material de comunicações e de contramedidas eletrônicas, mísseis, aparelhos de visão noturna e de detecção de alvos, simu-

ladores de tiro, uniformes especiais etc.) estão sujeitas à prévia autorização do Ministério da Defesa.

Toda a gama de material de interesse militar produzido pelo Reino Unido é catalogada anualmente em uma publicação intitulada "British Defence Equipment" (Equipamento de Defesa Britânico) que permite rapidamente selecionar e referenciar os produtos e serviços oferecidos pela indústria britânica, além da exposição permanente de equipamento bélico à venda mantida no subsolo do Ministério da Defesa.

Afora os produtos mundialmente conhecidos das já conceituadas indústrias britânicas, cumpre destacar:

o conjunto de aeronaves construídas pela "British Aerospace Aircraft" do tipo *Buccaneer*, *Harrier*, HS-748, *Nimrod* MR e AEW, HS-125, *Hawk*, *Bulldog* e *Jetstream*; a série de helicópteros desenvolvidos pela "Westland Aircraft" (*Gazelle*, *Linx*, *Sea King* e *Commando*);

os diversos tipos de minas, radares, espoletas, sonares, telêmetros, intensificadores de luminosidade, componentes laser, foguetes, mísseis etc;

o material de artilharia fabricado pela Vickers;

a família de blindados Alvis com o *Scimitar*, o *Striker*, o *Spartan*, o *Sultan*, o *Samaritan* e o *Samson*;

o carro de combate *Chieftain* com a famosa blindagem "Choban";

a fabricação dos mísseis *Blowpipe*, *Seacat*, *Tigercat*, *Rapier*, etc; as experiências realizadas no campo nuclear sob a supervisão da "UK Atomic Energy Authority".

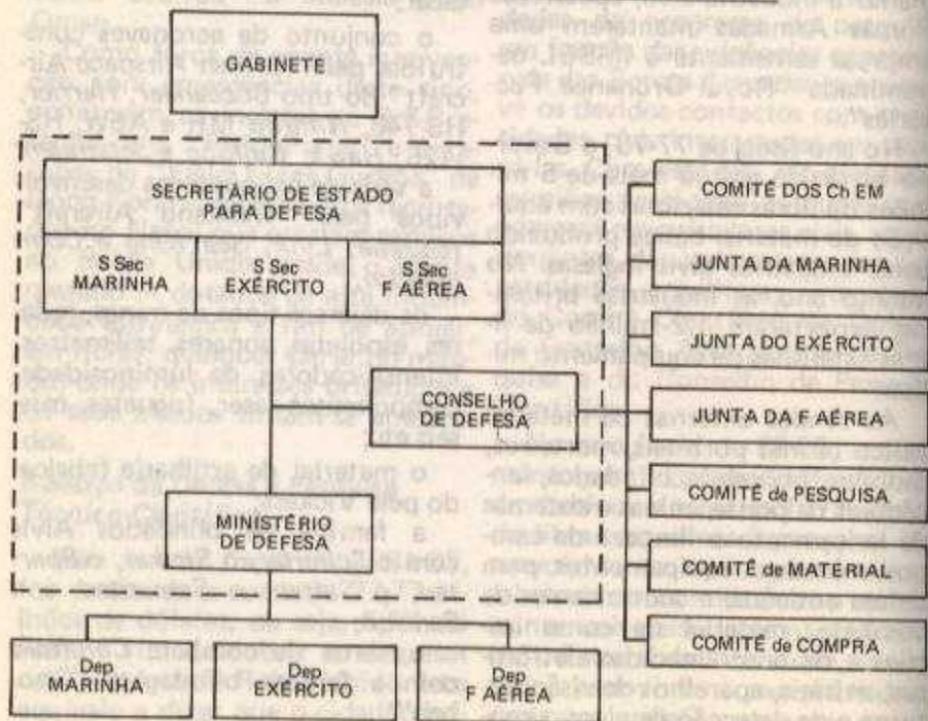
O Ministério da Defesa

Desde os idos de Disraeli tentaram os ingleses reunir as Forças Armadas sob um único ministério, mas somente em 1962, no governo conservador de Harold Mcmi-

lan, entrou em funcionamento o Ministério da Defesa. Dizem eles que na guerra moderna a Força Aérea transporta, o Exército ocupa, a Marinha protege e todas as três forças operam em conjunto.

Alto grau de integração militar foi obtido por intermédio de diretrizes operacionais centralizadas e pela atribuição de responsabilidades logísticas unificadas aos vários órgãos funcionais da cadeia de apoio administrativo das três forças singulares.

ESTRUTURA DE ALTA ADMINISTRAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS COMUNS



A formulação da Política de Segurança é da responsabilidade do Secretário da Defesa e o controle efetivo desta cabe ao Primeiro-Ministro, que o faz por meio do Gabinete, apesar da Soberana ser normalmente a comandante-em-chefe das Forças Armadas.

Dentro do Gabinete os problemas de segurança são tratados pela Comissão de Defesa e Política Exterior, dirigida pelo Primeiro-Ministro e que inclui o Secretário de Defesa, de Relações Exteriores, do Interior e da Fazenda, além de outros membros que se fizerem necessários.

O Ministério da Defesa é responsável pela coordenação da Política de Segurança, controle e administração das três forças, incluída a pesquisa e obtenção de material.

O Secretário da Defesa é assistido por um Ministro de Estado e três parlamentares subsecretários de estado respectivamente para o Exército, a Força Aérea e a Marinha.

Os principais aspectos da Política de Segurança são tratados pelo Conselho de Defesa, presidido pelo Secretário da Defesa e constituído pelos seguintes elementos:

Ministro da Defesa (civil membro do Governo);

Subsecretários da Defesa (políticos membros do Governo);

Chefe do Estado-Maior de Defesa (militar);

Chefes de Estado-Maior de cada força singular (militares);

Chefe de Pessoal e Logística (militar);

Assessor-Chefe para Assuntos Científicos (funcionário público civil);

Executivo-Chefe para Obtenção de Material (funcionário público civil);

Subsecretário da Defesa Permanente (funcionário público civil).

A assessoria técnico-profissional estratégica e tática é proporcionada pela Junta dos Chefes de Estado-Maior, presidida pelo Chefe de Estado-Maior de Defesa e integrada pelos três chefes de Estado-Maior de cada força.

A administração direta e de rotina (instrução, disciplina, liderança, moral, promoção de pessoal etc.) de cada força é executada pelo respectivo departamento que se estrutura em diretorias e estas em divisões. Uma comissão composta de elementos de cada departamento assessora o Conselho de Defesa.

No caso do Departamento do Exército, integram essa comissão:

Secretário da Defesa (Presidente);

Ministro da Defesa;

Subsecretário da Defesa do Exército;

Chefe do Estado-Maior do Exército;

Ajudante-Geral;

Intendente-Geral;

Chefe do Serviço de Material Bélico;

Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército;

Cientista-Chefe do Exército;

Subsecretário da Defesa do Exército (permanente);

infantaria a três subunidades e não a quatro, como só acontecia nos divisionários.

A estrutura do Exército britânico fundamenta-se na tradição dos seus regimentos, repositórios de orgulho e lealdade, cuja eficiência pode ser aquilatada pelo não desaparecimento destes mesmo dentro do moderno quadro organizacional das forças terrestres. Criados em 1870, para auxiliar a governar o império, eram constituídos de dois batalhões: um mantido em solo pátrio e outro sempre guarnecendo um posto avançado de além-mar, por revezamento. Apesar de tudo ainda são a espinha dorsal do Exército inglês. Honrando suas origens, os regimentos conservam os nomes dos príncipes da casa reinante à época de suas criações ou das regiões de onde provêm. Cada unidade possui um coronel (comandante honorário) normalmente membro da família real, e é comandada por um tenente-coronel. As subunidades, mesmo incorporadas, são comandadas por majores que têm como subcomandantes capitães. Para manter vivo o espírito de corpo, cada unidade enverga seus tradicionais uniformes seculares e insígnias, o que empresta colorido especial nas apresentações públicas. No Exército britânico, a palavra regimento serve também para designar uma arma ou serviço ou todos os elementos de determinada especialidade. O regimento britânico equivale a uma unidade valor batalhão, a quatro subunidades. Em tempo de paz, o Exército conta com 115 regimentos ou batalhões, assim distribuídos:

- 11 regimentos blindados;
- 8 regimentos de reconhecimento mecanizados;
- 48 batalhões de infantaria;
- 5 batalhões de infantaria (Gurkhas);
- 3 batalhões de pára-quedistas;
- 1 regimento de serviço aéreo especial;
- 1 regimento de míssil *Lance* (superfície-superfície);
- 3 regimentos de mísseis *Rapier* (superfície-ar);
- 18 regimentos de artilharia (1 pesado, 13 de campanha, 1 de teleguiados, 1 de comando, 1 anticarro e 1 de busca e localização de alvos);
- 11 regimentos de engenharia (4 blindados, 1 anfíbio e 1 Gurkha);
- 6 regimentos de aviação.

Dispõe a Rainha para a sua segurança e cerimonial de uma "Divisão de Guardas", integrada por 5 regimentos de infantaria (Granadeiros, "Coldstream", "Scot Guards", "Irish Guards" e "Welsh Guards") e 2 de cavalaria ("Blues & Royals" e "Life Guards", a mais antiga organização militar do Exército), e uma bateria de artilharia a cavalo — "The King's Troop". Além de suas tarefas normais, orgulham-se estes regimentos de serem considerados os melhores profissionais do Exército britânico e de terem missões táticas na OTAN, bem como sistematicamente revezarem-se nas operações em curso na Irlanda do Norte. Cabe salientar que as unidades participantes das recentes operações levadas a efeito nas Falklands foram destacadas da "Divisão de Guardas". A mística dos "Guardas" revela que a maioria de

seus oficiais procedem da elite formada pelas melhores escolas do país. No passado, eram obrigados a adquirir suas montarias, caríssimos uniformes e capacetes, restringindo assim os quadros à nobreza. Ainda hoje gozam de certos privilégios, tal como residir no centro de Londres, junto a confortáveis aquartelamentos. Costumam também não brincar com o usual "cheers", pois já se sentem felizes com a honraria de serem "Guardas"; não utilizam transportes públicos e usam sempre chapéu, de preferência, tipo "coco". Os "Guardas" são substituídos apenas pelos "Gurkhas", em quem depositam os ingleses extrema confiança nos momentos críticos.

A organização do estado-maior britânico é *sui-generis*. Até o escalão corpo-de-exército não há a figura do chefe de estado-maior. Deste nível para baixo, a coordenação do estado-maior é exercida pelo oficial mais antigo do estado-maior geral.

No Exército britânico são encontrados três tipos de estado-maior: geral, logístico e de pessoal.

O estado-maior geral (GS taff — General Staff) incumbem-se de operações, instrução, planejamento, informações e segurança, relações públicas e ligações.

O estado-maior logístico (QS taff — Quartermaster Staff) trata de acomodações, suprimento e transporte.

O estado-maior de pessoal (A Staff — Adjutant Staff) cuida dos problemas afetos ao pessoal, como o nome indica, e bem-estar social

do militar e seus dependentes, efetivos, recrutamento, recomplemento, baixas, saúde, disciplina moral, promoções, recompensas, pagamento, licenças e educação.

Existem ainda duas espécies de estado-maior técnicos:

Armamento (WS — Weapon Staff) — encarregado da pesquisa, desenvolvimento e aquisição de armas; integra o "G Staff" mas não é constituído por qualquer oficial deste;

Secretariado (MS — Military Secretary Staff) — responsável por honras, recompensas e promoções; encontrado apenas nos escalões superiores até Corpo-de-exército; abaixo deste nível suas atividades são da responsabilidade do estado-maior de pessoal.

Em determinados escalões é comum combinarem em um único estado-maior os dois tipos — A e Q.

Os oficiais de estado-maior, segundo o posto ocupado, são classificados em três categorias distintas:

- 1ª — funções de tenente-coronel;
- 2ª — funções de major;
- 3ª — funções de capitão.

O Exército compreende as seguintes armas e serviços:

Armas — Blindados, Infantaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações e Aviação;

Serviços — Veterinária, Saúde, Transporte, Assistência Religiosa, Material Bélico, Intendência, Polícia Militar (inclusive hipomóvel), Finanças, Armamento Leve, Justiça, Educação (técnicos de ensino e magistério), Informações, Sapadores, Odontológico, Educação Fisi-

ca, Aproveitamento, Enfermagem, Auxiliar Feminino, Música e Serviços Gerais.

O efetivo do Exército, segundo o "Military Balance" de 1981-82 editado pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres, é de 176.248 homens (incluindo 7.100 "Gurkhas" e 6.546 mulheres), dos quais 55.000, a serem dobrados em caso de mobilização, pertencem ao BAOR.

A reserva do Exército é composta pela chamada Reserva Regular (militares que passaram à inatividade — 137.000 homens) e pelo TAVR (Territorial Army and Volunteer Reserve — 69.500 homens), voluntários organizados em unidades locais apadrinhadas por congêneres da ativa, além de 7.500 homens do Regimento de Defesa Ulster. Os integrantes do TAVR, na maioria oficiais, participam de manobras junto com os militares profissionais, freqüentam cursos especiais para o pessoal da reserva e submetem-se à convocação quando necessário. A reserva destina-se a reforçar as unidades estacionadas na Alemanha e manter as bases do Reino Unido.

Recrutamento

O Reino Unido, ao longo da História, nunca recorreu ao serviço militar obrigatório, exceto nas horas de crise, como se verificou nas duas guerras mundiais. Assim, terminada a II Guerra Mundial, a Grã-Bretanha, entre 1957 e 1960, voltou progressivamente ao sistema de voluntariado. O retorno ao velho sistema resulta da intenção de

possuir um Exército profissional, capaz de empregar eficazmente material cada vez mais sofisticado, liberando, ao mesmo tempo, mão-de-obra jovem para atender às necessidades de aumento da produção. Os incentivos para o voluntariado baseiam-se em valores morais e materiais, harmonizando as exigências do Exército com as da sociedade que integra e não colocando o militar em posição altamente privilegiada em relação às demais classes sociais, particularmente quanto ao aspecto econômico-financeiro.

O Exército britânico é, pois, constituído somente por voluntários.

As praças têm possibilidade de servirem, no mínimo, três anos e, no máximo, vinte e dois, findo os quais recebem um pecúlio e pensão. Podem, entretanto, solicitar baixa a qualquer tempo, desde que dado aviso prévio com pelo menos, 18 meses.

Via de regra, os jovens sentam praça com dezessete anos e meio e servem três anos, sendo um nos depósitos de pessoal e dois nos regimentos. O baixo nível educacional dos homens e mulheres que procuram as "lojas" de recrutamento, espalhadas por todo o país, impõe uma revisão da instrução primária antes do início do treinamento militar comum que leva da ordem de oito a dez semanas. Em seguida, tem lugar a instrução especializada que se desenvolve, seguindo cada qualificação militar, em um período de 14 a 18 semanas, à exceção do pára-quedista cuja formação exige um curso de

22 semanas de duração. Até completar 19 anos de idade, o soldado não pode ser empregado em atividades operacionais no exterior.

A seleção para acesso à graduação de sargento é bastante pessoal e subjetiva, verificando-se dentre as praças que possuam os requisitos indispensáveis. A duração dos cursos de formação de sargentos varia conforme a especialidade de cinco a quatorze semanas. A formação é centralizada nos centros de instrução e escolas das diversas armas e serviços.

Toda a instrução é supervisionada pelas respectivas diretorias das Armas e Serviços e conduzida de acordo com os objetivos operacionalizados constantes dos programas-padrão aprovados.

A falta de campos de instrução na ilha, força as unidades a se deslocarem para o Canadá, por rodízio, onde passam seis meses em treinamento.

Sendo o Exército somente de profissionais e devido ao sistema regimental, os graduados enfrentam sérios problemas que os desestimulam. Há cabos ("Lance Corporal") com mais de 20 anos de serviço e sem perspectivas de promoção. A mais alta graduação é de "Staff-Sergeant".

Formação de Oficiais

Os candidatos ao oficialato podem optar por três tipos de carreira no Exército britânico:

"Short Service Commission" (Curta) — de 3 a 8 anos de serviço, com acesso permitido até capitão;

"Special Regular Commission"

(Média) — mínimo 16 anos de serviço, com acesso garantido até major;

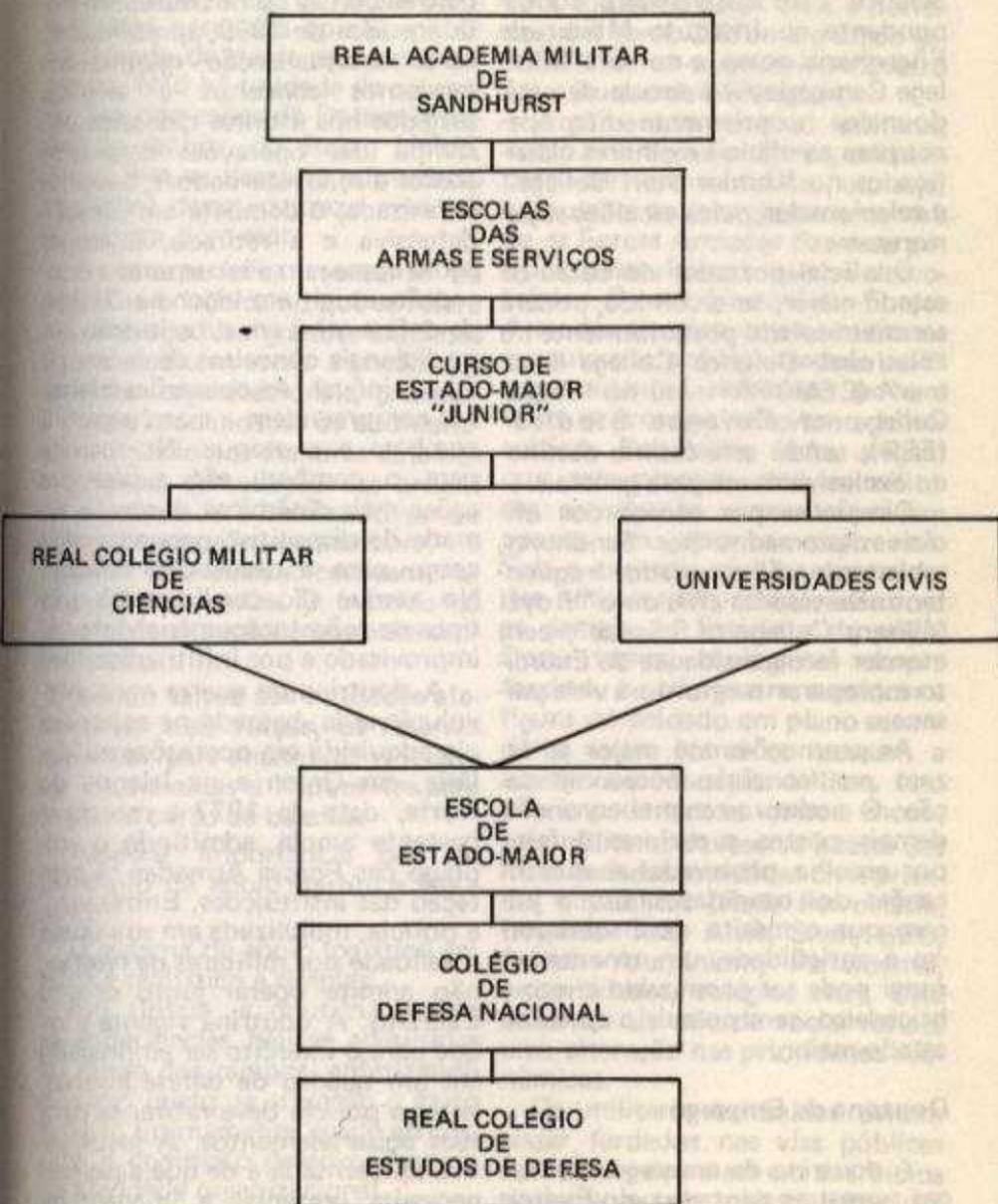
"Permanent Regular Commission" (Longa) — permanência assegurada na ativa até 55 anos de idade e atingindo normalmente o posto de tenente-coronel.

Existe ainda uma categoria de oficiais, semelhante a um quadro auxiliar de especialistas, que pode atingir o posto de "Quartermaster", mais ou menos equivalente a tenente-coronel. Dir-se-ia que o primeiro tipo de carreira assemelha-se à do nosso oficial R2 temporário e a segunda a um quadro complementar. Há enormes claros de oficiais subalternos, principalmente, nas Armas-base. O recrutamento de oficiais se faz dentre os jovens possuidores de curso superior ou, no mínimo, o 2º grau completo. A formação de todos os oficiais, inclusive os da reserva, processa-se na Real Academia Militar de Sandhurst, em cursos que variam de 3 semanas a 7 meses de duração, ministrados na maior parte por sargentos, ao término dos quais os cadetes são nomeados segundos-tenentes.

Graduado por Sandhurst o oficial complementa a sua formação básica nas diversas escolas das Armas e serviços, em cursos com a duração média de 14 semanas, após ou antes de estagiar nas respectivas organizações militares de sua especialidade.

O preparo dos oficiais de estado-maior desenvolve-se em duas fases. A primeira compulsória para todos os capitães, no "Junior Staff College", similar à nossa Escola de

ESTRUTURA DO ENSINO MILITAR



Aperfeiçoamento, que funciona anexo à Escola de Infantaria em Warminster. A segunda tem lugar no "Royal Military College of Science", em Shrivenham, correspondente ao Instituto Militar de Engenharia nosso, e no "Staff College Camberley", a escola de estado-maior propriamente dita, apenas para os oficiais melhores classificados no "Junior Staff College" e selecionados pelos escalões superiores.

O oficial portador do curso de estado-maior, se escolhido, poderá ser matriculado posteriormente no "National Defence College Lattimer" (CEMCF) e/ou no "Royal College of Defence Studies" (ESG), sendo este último destinado exclusivamente para generais.

Cinquenta por cento dos oficiais diplomados por Sandhurst, mais tarde, são mandados frequentar universidades civis ou o "Royal Military College of Science", para atender às necessidades do Exército e preparar o retorno à vida paisana.

As promoções até major se fazem por concurso e recomendação. O acesso a tenente-coronel e demais postos superiores é feito por escolha, observadas as qualificações dos candidatos. Como julgam que o mérito deve sobrepor-se à antigüidade, um tenente-coronel pode ser promovido direto a brigadeiro, sem possuir o curso de estado-maior.

Doutrina de Emprego

A doutrina de emprego das forças terrestres adotada pelo Exército

britânico abrange tanto a guerra convencional ou nuclear como a contra-revolucionária. No que se refere à conduta das operações convencionais ou nucleares remonta aos idos de 1970, apresentando certa desatualização relativa aos modernos conceitos e técnicas surgidos nos últimos dez anos. No campo das operações defensivas abarca a ação retardadora, bastante enfatizada, o combate em posição defensiva e a retirada. Somente agora começam a incorporar a concepção atual, em vigor na OTAN, de defesa ativa em substituição aos tradicionais conceitos de defesa de área e móvel. As operações ofensivas compreendem a marcha para o combate e o ataque. Na marcha para o combate são exploradas ações mais dinâmicas, tanto na tomada do dispositivo para a batalha como para a destruição inimiga. No ataque são considerados três tipos de ações: ataque coordenado, improvisado e por infiltração.

A doutrina de guerra contra-revolucionária, baseada na experiência adquirida em operações na Malásia, em Oman e na Irlanda do Norte, data de 1977 e mostra-se bastante ampla, admitindo o emprego das Forças Armadas na proteção das instituições. Entretanto, a polícia, mobilizada em sua quase totalidade por militares da reserva, não admite operar junto com o Exército. A doutrina vigente é de que para o Exército ser empregado em um quadro de defesa interna, antes a polícia deve retirar-se para seus aquartelamentos. A justificativa apresentada é de que a polícia necessita preservar a imagem de

guardiã e protetora da sociedade, não devendo, por conseguinte, participar das violentas ações repressivas inerentes ao emprego das Forças Armadas, a fim de não se comprometer perante a opinião pública quando do desengajamento daquelas. Não há unidade de comando nas operações de Defesa Interna, no âmbito do Reino Unido, o que leva ao desgaste e insucesso em ações dessa natureza, mas admitida em além-mar.

A característica marcante da doutrina britânica no que se refere ao emprego das grandes-unidades é que dedicam mais atenção aos aspectos organizacionais, procedimentos, modalidades de coordenação e ligação nos menores detalhes e à forma de redação das ordens de combate e administrativas do que à concepção da manobra, na maioria das vezes, excessivamente cautelosas e lentas. O método de estudo de situação é bastante simplificado.

Devido talvez aos limitados efetivos de suas forças, as reservas mantidas para manobrar revelam-se insuficientes e impotentes para alterar o curso da batalha.

Especial importância dão ao princípio de apoio mútuo e segurança.

O sistema de apoio logístico em vigor é realístico e simples.

Em síntese, a doutrina retrata as experiências bélicas adquiridas ao longo dos tempos, enfatizando que em qualquer situação o êxito acha-se intimamente ligado ao correto e completo desenvolvimento da atividade organizacional.

A Figura do Militar

Desde os tempos da ditadura cromeliana, os militares são vistos com suspeitas pelos civis e políticos, em geral. O último e único general a tornar-se primeiro-ministro foi o Duque de Wellington.

Argumentam que os militares, como servidores públicos, existem para dar cumprimento, ou seja, executar a política governamental. Se as Forças Armadas fizessem política, destruiriam o sistema democrático. O controle civil das Forças Armadas assegura que os militares executem a política traçada pelos representantes eleitos do povo e assim se processe o Governo democrático. Por outro lado, alegam que, sem controle civil, os militares certamente concentrar-se-iam apenas em assuntos castrenses. Sob o controle civil as necessidades militares são balanceadas com as demais do Estado e do povo. Desta forma, os ingleses sempre tendem, no pós-guerra, a colocar a figura do soldado em plano secundário assim como se recusam a aceitar a conscrição militar. Isto não impede que se venha a encontrar militares da reserva à testa das mais variadas entidades civis privadas e públicas (Rede Ferroviária, Leyland Cars, Alvis, Shell, BBC, British Aluminium, Parlamento, universidades, colégios etc.). Esta mudança de atitude social reflete uma alteração nas prioridades econômicas.

Os militares britânicos evitam andar fardados nas vias públicas fora de serviço e até em exercícios no terreno, mas aceitam participar

de demonstrações de protesto externas trajando uniformes com condecorações.

Os militares são autorizados a pertencerem a sindicatos civis, a fim de terem garantido emprego ao passarem à inatividade, e pugnam pela criação dos sindicatos das Forças Armadas, para dispor de um órgão que defenda seus direitos, uma vez que são nivelados a quaisquer outros profissionais quanto a deveres e os generais não desfrutam de autoridade para reivindicar melhorias salariais junto ao Gabinete.

Os vencimentos dos militares são estabelecidos segundo avaliação do trabalho produzido em paridade com os civis, sendo normalmente reajustados a cada quatro anos. Os militares britânicos são mal remunerados. Não vivem bem, têm dieta parca e casas humildes, além de sua apresentação fora dos atos sociais e cerimônias oficiais deixa um tanto a desejar. Contam com boa assistência médica e social, prestada também aos seus dependentes pelas organizações de saúde e reembolsáveis. Dispõem de próprios nacionais residenciais condignos, mobiliados e dotados de faqueiro completo, cristais, porcelanas, bateria de cozinha, roupa de cama e mesa. Usualmente as férias são concedidas em parcelas, por semanas, segundo critério dos respectivos comandantes e, em conjunto, na páscoa, verão, Natal etc.

Por usufruírem de certas vantagens e regalias, anseiam os militares britânicos por uma comissão no exterior, particularmente, na

Alemanha. Os regulamentos permitem que unidades completas ou militares isolados sejam postos a serviço de outros Estados e atuem como autênticos mercenários, desde que autorizados pela Rainha e pagos pelos Governos interessados. Muitos oficiais e praças ao se transferirem para a reserva continuam prestando serviços em diversas organizações militares, como civis, com todo o entusiasmo e dignidade.

Embora se orgulhem de serem considerados "profissionais do manejo da violência", convictos de que o problema da Irlanda do Norte é insolúvel, contam os dias dos seis meses que passam compulsoriamente as unidades naquela região, obedecendo ao sistema de rodízio adotado.

A figura típica do soldado britânico é o "Sergeant-Major", pedra angular do Exército no que tange à disciplina. Se não é o que manda mais, é o que grita mais alto no interior dos quartéis. No trato dos problemas de pessoal, é o assessor principal do comandante, seja ele capitão ou general. Poder-se-ia compará-lo, guardadas as devidas proporções, ao nosso antigo sargento-brigada. Embora sendo apenas um graduado, frequenta o círculo dos oficiais, coloca-os em forma, adverte-os e os controla. Age sempre com energia e respeito. Como símbolo de sua função, usa um compasso-bastão, para colocar em forma o pessoal à distâncias e intervalos fixos. Senta-se, às vezes, à mesa com o comandante, participa de reuniões de comando e é

conhecido como o braço direito deste.

Com a finalidade de manter a atenção pública concentrada nos militares, o Exército cumpre um programa mensal de variadas exhibições e espetáculos, a maior parte gratuitos, e promove uma grande exposição bi-anual na principal guarnição do país — Aldershot, a qual imparecem delegações de todas as partes do mundo. A renda obtida nestas apresentações internas e no ultramar reverte para o Fundo de Benevolência do Exército que ajuda os veteranos de guerra, bem como os dependentes de militares mortos ou incapacitados em combate.

Em tempo de paz, normalmente, os militares britânicos a serviço da Coroa não podem aceitar ou usar condecorações e medalhas estrangeiras, exceto se forem distinguidos por terem salvo vidas de cidadãos de outras nacionalidades ou se estiverem, devidamente autorizados, a soldo de outros governos. Em época de guerra, os integrantes das forças armadas do Reino Unido só poderão receber honrarias de outros países, após prévio entendimento com o governo britânico.

Da mesma forma, em tempo de paz, não são conferidas medalhas e condecorações pelo governo britânico a militares estrangeiros, exceção feita, às vezes, aos membros de comitivas dos chefes de estado em visita oficial à Grã-Bretanha ou àqueles que hajam salvado vidas de cidadãos ingleses. Em período de guerra, antes de qualquer condecoração ou medalha ser dada a

um militar aliado, entendimentos devem ser feitos entre os governos interessados para que aprovem os procedimentos a serem adotados por ambas as partes.

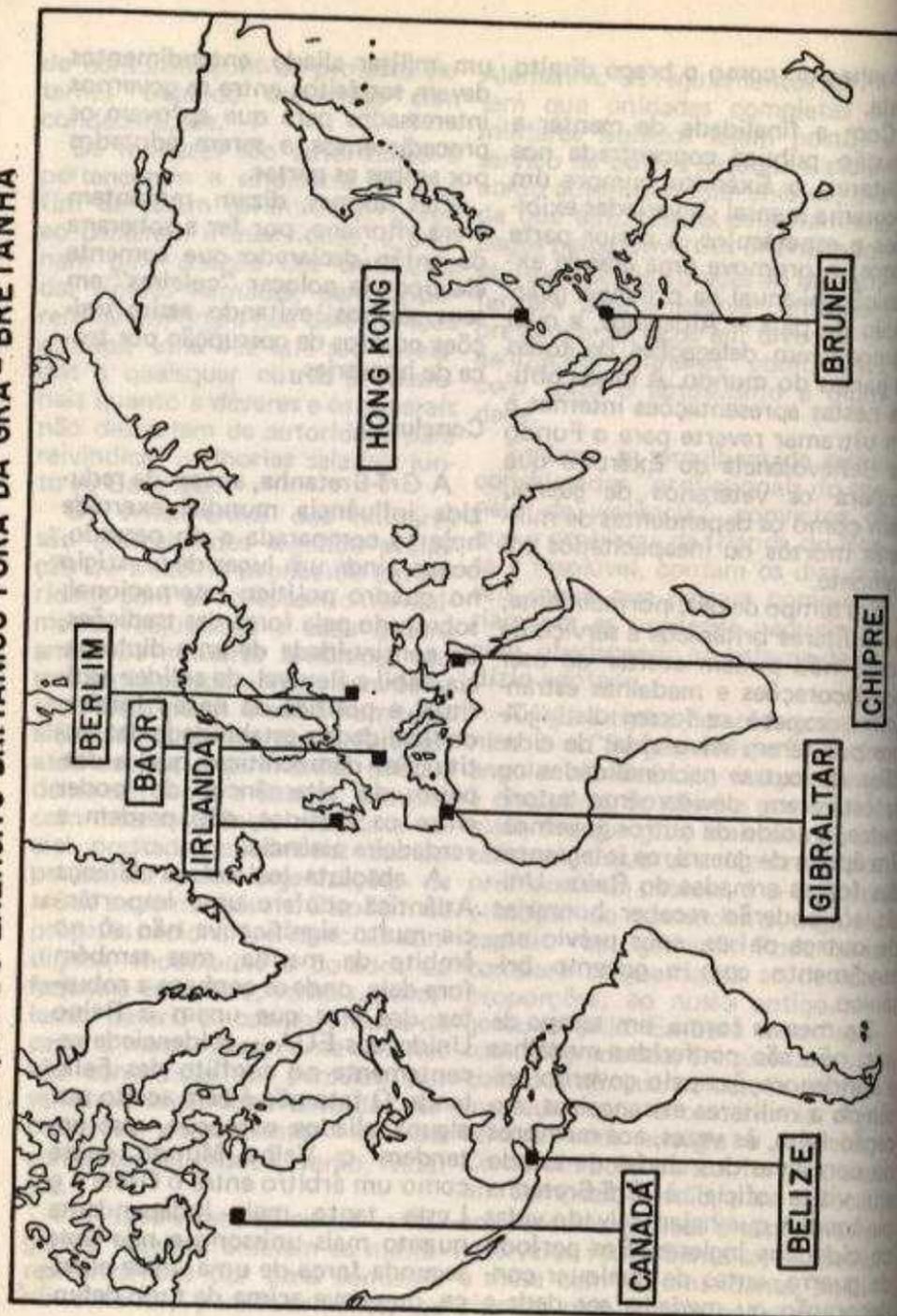
Tais normas, dizem, remontam à era vitoriana, por ter a soberana de então declarado que somente ela poderia colocar "coleiras" em seus súditos, evitando assim traições ou atos de corrupção por troca de honrarias.

Conclusão

A Grã-Bretanha, apesar da reduzida influência mundial exercida hoje se comparada a do passado, ocupa ainda um lugar de prestígio no quadro político internacional, sobretudo pela força das tradições, da continuidade de uma diplomacia hábil e flexível, da solidez espiritual e política da nação inteira, da fidelidade e estabilidade das instituições democráticas que, a despeito da alternância do poder entre os Partidos, não perdem a verdadeira essência.

A absoluta lealdade à Aliança Atlântica confere uma importância muito significativa não só no âmbito da mesma, mas também fora dela, onde se conhece a robustez dos elos que unem o Reino Unido aos EUA — evidenciada recentemente no conflito das Falklands. O fato não é bem aceito por alguns aliados europeus, que entendem o Velho Mundo quase como um árbitro entre o Oeste e o Leste tanto mais independente quanto mais uníssono e não uma segunda força de uma única aliança, que deve acima de tudo defen-

FORÇAS DO EXÉRCITO BRITÂNICO FORA DA GRÃ - BRETANHA



der o patrimônio irrenunciável da civilização ocidental.

O sistema militar defensivo da Grã-Bretanha insuficiente por si só para garantir a segurança de seu próprio território, adquire no contexto da OTAN o valor de uma enorme contribuição inicial, indispensável à defesa de toda a área atlântica, principalmente por sua tradição naval e pela atual capacidade nuclear.

O seu potencial militar acrescido ao dos outros países da Europa Ocidental faz crescer o papel desempenhado pelo "coração do mundo" na parceria da OTAN e a reforça, como nenhum outro membro o poderia fazer mesmo com aumento da expressão militar de cada um.

Na atual conjuntura o problema irlandês parece não ter solução, uma vez que é mais econômico do que político.

A Grã-Bretanha declara-se inimiga tradicional da França, teme a Rússia, considera a Alemanha (principalmente se unificada) permanente ameaça para a Europa e reage em aceitar a liderança mundial norte-americana. Seus ex-colônos abrigam sérios ressentimen-

tos contra os velhos colonizadores.

Decisões tomadas em 1974, levaram a drásticas reduções nos gastos com segurança até 1980, permitindo, pela primeira vez, que o setor educação fosse contemplado no orçamento com percentual maior do que o destinado às Forças Armadas. Tal economia incidiu particularmente na estrutura de apoio administrativo e ficou patente nas hostilidades verificadas com os argentinos. Porém, tal fato não causou absoluta surpresa, pois o Chefe do Estado-Maior de Defesa, no jantar anual dos oficiais-alunos das escolas de estado-maior das três forças singulares, no final de 1978, declarou textualmente que as Forças Armadas britânicas corriam o risco de não honrar os compromissos assumidos com a OTAN, nem de ter condições para realizar qualquer intervenção além-mar, por carecerem de recursos humanos e materiais.

Todavia, apesar de consciente da perda do antigo império, o "leão" britânico teima em continuar altivo e indomável, constituindo-se ainda em vigoroso baluarte para o Ocidente.



O Cel OEMA Luiz Paulo Macado Carvalho possui os cursos de Técnica de Ensino, de Motomecanização (EsMB), de Aperfeiçoamento (EsAO), de Comando e Estado-Maior (ECEME), de Estado-Maior do Exército Britânico (Staff College Camberley), do Centro do Real Corpo de Educação do Exército Britânico (Beaconsfield), de Extensão de Manutenção e Reparação Automóvel, do Exército dos EUA (Aberdeen Proving Ground), além de ser bacharel em Ciências Políticas e Econômicas. Exerceu as funções de instrutor da AMAN, do CPRO-RJ e da ECEME. Integrou também o corpo permanente da Escola Superior de Guerra e o Conselho Editorial da Biblioteca do Exército. É membro do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres, e sócio-fundador do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos. Comanda atualmente o CPOR do Recife, PE.